



O amor em tempos de cólera. Amai-vos e rebelai-vos

Ricardo Monteagudo

Como citar: MONTEAGUDO, Ricardo. O amor em tempos de cólera. Amai-vos e rebelai-vos. *In:* CECON, Kleber; PEREIRA, Reinaldo S; MARQUES, Ubirajara R. de A. (org.). **Amizade e sabedoria:** Festschrift em homenagem a Antonio Trajano. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.179-192. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p179-192>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O amor em tempos de cólera. Amai-vos e rebelai-vos

*Ricardo MONTEAGUDO*¹

“O amor é forte como a morte”

(*Cântico dos cânticos*, 8, 6)

“O amor precisa ser reinventado!”

(Rimbaud, *Uma estadia no inferno*)

Sabemos que vivemos tempos difíceis de crise civilizatória e profundas mudanças nas relações pessoais, sociais e humanas. Uma das questões mais fundamentais da humanidade e bastante ignorada nos dias de hoje é o amor. Dizemos que há um discurso de ódio que obnubila a visão e o senti-

¹ Departamento de Filosofia/Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC)/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)/Marília/São Paulo/Brasil/e-mail: ricardo.monteagudo@unesp.br.

mento, elimina o bem e a verdade, colapsa a justiça e polui a beleza. Nada mais revolucionário hoje do que refletir sobre o amor e privar o discurso de ódio de seu principal alimento: a intolerância, a mentira, a falsificação do real, a enganação e a fraude.

Quando o falamos em amor pensamos logo no amor entre as pessoas ou amor de alguém por alguma atividade. Contudo, há um tipo de amor que ultrapassa ou transcende os amores singulares, sensuais ou românticos, uma espécie de amor em si que, no entanto, não se basta a si mesmo, pois, num primeiro momento, o amor é a busca por algo de que carecemos e que nos completa, ou ainda algo de que não precisamos, mas que mesmo assim nos completa. Essa primeira confusão nos recorda um pouco Santo Agostinho quando nos fala do tempo no livro XI das *Confissões*. Sabemos o que é, mas, quando nos perguntam, já não sabemos mais. Parecemos os sofistas combatidos por Sócrates. Trazemos vários exemplos da literatura e da poesia, mas não conseguimos abranger a riqueza desse sentimento, ou dessa paixão. Vamos então propor uma hipótese.

O amor é um sentimento natural que trata de como cada um se relaciona consigo mesmo e com os outros. Assim, o amor pode ser visto tanto do ponto de vista singular, quanto do ponto de vista social ou mesmo metafísico. Considero que todo ser sensitivo é dotado da capacidade de sentir e de amar, pois a sensibilidade sem o amor não tem sentido, ou seja, seria como dizer que seres sensitivos não sentem, não têm sensações ou percepções, portanto não poderiam ter preferências. Amar significa ter um leque de opções e selecionar uma opção em detrimento de outras, selecionar justamente o que alegra ou fortalece. Sem amor um ser sensitivo é um mero objeto. Com amor, um ser sensitivo desenvolve prazer e força apenas com a presença do sentimento amoroso.

Jean-Jacques Rousseau é talvez o filósofo que melhor tenha qualificado a importância do amor na vida sensível. Ele considerava que a sociabilidade não é natural e que a primeira forma do amor é consigo mesmo, o amor de si, que exprime certa preferência por si mesmo e uma necessidade imperiosa de auto-conservação para permanecermos vivos. Uma vez que o homem se sociabiliza, o amor de si continua ativo, mas se perverte em amor-próprio, que exprime certa soberba ou orgulho do homem em

relação com outros seres. Se fosse absoluto, esse amor-próprio tornaria o homem o pior e mais violento e perigoso dos animais, dos seres sensitivos. Mas esse amor-próprio também é relativo e depende da relação com outros seres, ou seja, mesmo para se sentir superior é preciso a presença dos outros. A destruição total dos outros, como afirma Hobbes, não faria sentido, diz Rousseau. Segundo ele, Hobbes confunde sociedade e natureza. Além do amor-de-si, outro sentimento natural é a piedade natural, que significa que seres sensitivos não gostam de ver outros seres sensitivos sofrendo. Ele projeta (“transporta”) sua sensibilidade no outro e vê-se a si mesmo sofrendo, por isso rejeita o sofrimento do outro. Assim, é como se o homem tivesse certo amor ou interesse por outros seres vivos com os quais se relaciona. Os dois sentimentos naturais do homem são amorosos: o amor-de-si e a piedade natural, que podemos livremente chamar de amor pelo outro. Lembremos que, em sociedade, estes dois sentimentos naturais entram em tensão com os mesmos sentimentos das outras pessoas com as quais a relação social se estabelece. O que era absoluto antes da sociedade se torna relativo e relacional em sociedade. Nestas relações, as preferências criam dificuldades, como sabemos.

A partir destas considerações iniciais, vamos discriminar o amor em seus três principais aspectos: o amor físico, ou natural; o amor moral, ou social; e o amor metafísico, que concerne a relação de si com o todo, a própria identidade, e que não é nem físico nem moral.

O amor físico refere-se à necessidade natural e instintiva com o objetivo de procriar e ocorre em todos os animais sexuados. Trata-se de um intenso apetite reprodutivo que orienta a atração física (digamos, brevemente, que nas pessoas desperta uma necessidade biológica de aproximação epidérmica). Com as pessoas morais, concerne à expressão através do contato físico, carícias e intimidade, envolve gestos de carinho, abraços, toques e a conexão íntima. Em conjunção com o amor moral, pode fortalecer um relacionamento. É uma manifestação importante de afeto. O amor físico desempenha um papel significativo na criação de laços emocionais e na satisfação das necessidades emocionais e físicas dentro de um relacionamento amoroso.

O amor moral implica na escolha do agente amoroso e está na origem da família e da amizade. Pode também exprimir um compromisso de agir com bondade, compaixão, respeito e empatia em relação a outras pessoas. Envolve a preocupação genuína com o bem-estar e a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua relação conosco. O amor moral nos motiva a agir de maneira ética, a considerar o impacto de nossas ações sobre os outros e a buscar o bem comum. Ele se manifesta em atos de generosidade, solidariedade e na disposição de ajudar quem precisa.

Já o amor metafísico vai além do amor físico e emocional, aborda a natureza fundamental do amor e sua conexão com a existência humana e o universo. É um amor sem nenhuma exigência, totalmente gratuito, uma graça divina. Apenas por ser o que é, já é o que deve ser. Pode ser interpretado como um princípio unificador que dá sentido, permeia a realidade e conecta todos os seres. Podemos considerar como uma força cósmica ou espiritual que transcende as limitações humanas e garante a harmonia e a ordem do universo sem a qual tudo seria caótico. De certa forma, o que afirmo é que talvez seja necessário um retorno à metafísica do amor para sustentar uma atitude social ética, generosa, solidária, respeitosa e comprometida com a justiça e com a verdade. Somos seres relacionais e simbólicos. É preciso amor para sermos tolerantes e para expulsarmos o ódio e a violência de nossas relações. É preciso querer amar para conter a intolerância e a perversidade.

Um dos recursos para expressar o amor do homem pela humanidade e pela natureza é tradicionalmente a ideia de Deus. Em muitas tradições religiosas, o amor é considerado um valor central e uma virtude fundamental. O amor pode ser visto como uma expressão do divino ou como um mandamento de Deus. Assim, amar Deus é cultivar um relacionamento de devoção, fé e gratidão com uma força divina, transcendente e amorosa, que exprima o conjunto da humanidade. Para muitas pessoas, amar Deus significa viver com compaixão e bondade, buscar a conexão espiritual através da oração, meditação e práticas religiosas, e encontrar conforto, orientação e força com a presença divina em suas vidas. Cada pessoa pode ter uma interpretação única sobre o que significa amar a Deus, concebê-lo de outras formas como, por exemplo, Natureza ou Dignidade

Humana. Dependendo das crenças e experiências culturais de cada um essa forma pode ser Jesus, a substância de Espinosa, o élan vital de Bergson, o *rén* confucionista ou o qí do taoísmo chinês etc. Essa perspectiva impõe total ecumenismo. O certo é que precisamos de uma força harmônica de amor e sentido. Uma necessidade metafísica sem a qual a violência se impõe. Observe contudo que a violência imporá o caos e extinguiria a vida, é portanto um absurdo conceitualmente inadmissível, posto que vivemos e observamos a vida. Como afirmava Tales de Mileto no início da Filosofia: “Tudo é água”, pois onde não há água, não há vida. Onde não há amor, não há vida.

Tomemos um texto religioso para analisar uma expressão consagrada e antiga sobre o amor de nossa tradição greco-romana-judaico-cristã ocidental, o *Cântico dos cânticos*, um dos livros mais enigmáticos da Bíblia. Trata-se do amor de uma mulher por um homem ungido por Deus. É uma celebração da intimidade física entre amantes que se procuram e se desejam. Os versos descrevem com grande sensualidade e beleza a atração entre um homem e uma mulher. A linguagem utilizada é simbólica, utiliza a união física como uma metáfora da união entre Deus e seu povo, ou entre a alma humana e o divino. Esta abordagem revela a crença na sacralidade do amor físico uma vez tornado amor moral e sua capacidade de transcender o plano terreno: “Que ele me beije com boca ardorosa, pois tuas carícias são melhores do que o vinho” (Ct, 1,2). Além do amor físico e moral, o *Cântico dos Cânticos* também evoca uma dimensão metafísica do amor. Os amantes são retratados como símbolos de aspirações mais profundas e espirituais: “Se encontrardes meu amado, que lhe direis? Que estou doente de amor” (Ct, 5, 8). “Não reconheço meu próprio eu: ele me torna tímida!” (Ct, 6, 12). A busca do amante pela amada reflete a busca da alma por Deus, uma alma incompleta quando solitária ou fora de uma relação amorosa (conjugal, familiar, amical, divina), a união física representa a união espiritual e mística. Essa perspectiva transcende o amor terreno, sugere uma conexão entre o humano e o que representa o divino por meio do amor, um deixar-se levar e entregar-se pela confiança: A entrega mútua e a devoção entre o homem e a mulher exemplificam virtudes como fidelidade, compromisso e respeito mútuo: “Eu sou de meu amado e seu desejo

sou eu. Vem, amado meu, vamos ao campo passar a noite” (Ct, 7, 11). O amor moral é aquele que transcende o desejo físico e a paixão momentânea, fundamenta-se em valores éticos e em um profundo entendimento mútuo: “Põe-me um selo em teu coração, um selo entre teus braços, pois o amor é forte como a morte. Suas chamas são chamas ardentes, um raio sagrado” (Ct, 8, 6). A necessidade e força do amor para a vida impõe um renascimento da ordem do sagrado porque nasce um sentido. Estas passagens costumam ser vistas como uma metáfora da união do homem com Deus. Há contudo uma característica que é a escolha no amor e uma característica no Velho Testamento que é a lealdade do povo escolhido. Aqui o amor é um exercício de justiça e compaixão.

Numa leitura extemporânea do *Cântico*, essa junção entre o amor físico e o amor moral sacraliza o amor conjugal sob o modelo do amor divino, o amor como um fim em si mesmo, o amor que não exige nada em troca. A devoção, assim, evoca o amor metafísico, um ato gratuito, uma Graça, como o amor de Deus. A ideia de que o amor é uma graça, algo que é concedido livremente e sem esperar nada em troca, ressoa profundamente. É uma forma de amor que transcende o egoísmo e se concentra no bem-estar e na felicidade do outro.

No *Novo Testamento*, com o acontecimento do cristianismo, o amor se torna um dos princípios fundamentais. E, também, é o motivo pelo qual toda a humanidade deve ser evangelizada. Deus é amor e o amor ao próximo é uma expressão concreta da fé. “Amarás ao próximo como a ti mesmo” (Mt, 22, 39) é expressão maior de generosidade e solidariedade. Se tomarmos esta condição divina como uma projeção do amor sobre toda a humanidade, teremos a missão de evangelizar. “Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra. Ide, pois, fazer discípulos em todas as nações” (Mt, 28, 18). A conversão é vista como um ato de amor ao próximo e de reconciliação com a vida, uma contribuição com o bem-estar de toda a humanidade com justiça, compaixão e paz. A tradição cristã se espalhou por todo o mundo nos dois últimos milênios e enfrenta resistências de todo tipo, mas o que interessa aqui é o significado do amor na metafísica ocidental. Deus cria a humanidade como um ato de amor e de graça. Uma graça gratuita sem nada em troca. Ora, nada menos capitalista do que isso.

Há um amor quiçá menos religioso e com o mesmo sentido: o amor materno é um sentimento profundo e incondicional que quem exerce a maternidade tem por seu filho. É um amor que transcende qualquer outra conexão, é altruísta, protetor e repleto de cuidado, um dos mais fortes e inabaláveis vínculos emocionais que existem, sob diversas formas, desde gestos carinhosos até sacrifícios pessoais em prol do bem-estar e felicidade dos filhos. É um lugar maravilhoso em que o amor-de-si para a preservação do indivíduo se une à piedade natural para a preservação da espécie.

Retornemos ao *Novo Testamento*, *Epístola aos romanos*, um trecho comumente estudado em Filosofia: “Seja todo homem submisso às autoridades que exercem o poder, pois não há autoridade a não ser por Deus e as que existem são estabelecidas por Ele” (Rm, 13, 1). Trata-se de uma passagem conformista e consoladora aos males da política e do poder, que costuma ser citada para justificar e sustentar várias formas de abuso político. Contudo, a sequência da passagem condiciona a submissão ao amor mútuo:

Não tendes nenhuma dívida [culpa] para com quem quer que seja, a não ser a de vos amardes uns aos outros; pois aquele que ama seu próximo cumpriu plenamente a lei. Com efeito, os mandamentos *Não matarás*, *Não furtarás*, bem como todos os outros, resumem-se nesta palavra: *Amarás o próximo como a ti mesmo*. O amor não faz nenhum dano ao próximo, portanto o amor é o pleno cumprimento da lei (Rm, 13, 8-10).

A submissão assim pressupõe o amor, o bem e a justiça. O amor pressupõe que o exercício do poder seja bem intencionado e jamais promova nenhum dano ou prejuízo a outrem. É curioso que, mais uma vez, quando procuramos referências ao amor, adquirimos a certeza de que o cristianismo é anti-capitalista, pois o compromisso mútuo, a consciência, a dívida, a culpa devem sempre estar submetidos ao amor. Vejamos outro exemplo no *Sermão da Montanha*: “Felizes os que têm coração de pobre, pois deles é o reino dos céus” (Mt, 5,3). Os poderosos têm uma responsabilidade perante os pobres para preservarem sua consciência cristã.

Por outro lado, como sabemos, o poder e o exercício do poder não funcionam por regras de ética cristã ou religiosa. O conflito de interesses

e vontades segue outra lógica. O fundador da ciência política, Maquiavel, mostrou que os líderes políticos querem principalmente permanecer no poder e preservar sua autoridade. Em contraste com a visão medieval que via a autoridade política como derivada da autoridade divina (*vox populi, vox dei*), Maquiavel mostra que a religião é um instrumento de dominação para a política e os políticos. Ele aconselha os governantes a basearem suas decisões em considerações práticas e na busca pelo poder e estabilidade, em vez de se preocuparem com questões teológicas ou morais. Ele considera que é necessário tomar decisões políticas com base nas circunstâncias concretas, em vez de se apegar a princípios éticos abstratos. Maquiavel enfatiza a importância de separar política e considerações morais, defende uma abordagem pragmática e realista para a aquisição e manutenção do poder político. Sabemos que nos dias de hoje este tipo de confusão é um dos causadores da crise civilizatória que atravessamos: o mau uso da religião para enganar os povos. Situações em que o ódio é predominante são potencialmente explosivas, revolucionárias. Sem amor, não há vida possível.

Recorreremos mais uma vez a Rousseau para discriminarmos a religião que atende ao Estado, a religião que orienta a consciência dos devotos e a religião do homem consigo mesmo. A “religião do cidadão” é vista como uma manifestação externa e social da religião, relacionada à vida em comunidade, às leis políticas e à esfera pública, ou seja, é uma forma de conter os cidadãos no campo estável da legalidade jurídica. A religião fortalece o laço entre os cidadãos e é importante para a coesão social e para a manutenção da ordem. Já a «religião do homem» está ligada à esfera privada e à consciência individual, baseada na consciência moral de cada um e no relacionamento direto com o divino. Portanto, há um viés político, que preserva a vida cívica de um lado, mas de outro lado, permite aos governantes ou aos líderes religiosos um uso indevido da religião com fins escusos ou para prejudicar a liberdade de consciência das pessoas, o que Rousseau chama ironicamente de “religião do padre”. Há também por outro lado um viés ético, em que há uma relação mais direta do homem com o divino, numa conexão espiritual autêntica desprovida de formalismos institucionais, ou seja, fundada na relação consigo mesmo e na liberdade de consciência, que Rousseau chama também de “religião do coração”.

Essa distinção entre a esfera privada da religião e esfera pública reflete as preocupações de Rousseau com, de um lado, a coesão social e a estabilidade política em uma sociedade justa, e de outro lado, a forma como cada um se relaciona consigo mesmo. Observamos aqui que este cenário aponta para uma metafísica do amor em Rousseau com o fim de garantir a justiça e a harmonia social de um lado, e, de outro, o equilíbrio e a estabilidade pessoal. Uma vez que a sociabilidade natural não é admitida na teoria de Rousseau, a religião natural ocuparia o lugar de uma metafísica do amor para sustentar uma vida ética e independente. Em outras palavras, a dependência moral que emerge do pacto social precisa de uma metafísica prévia para não cair no egoísmo violento e na tirania, e para impedir uma guerra generalizada. Somos livres, mas para amar o outro e não para violentá-lo.

Quando fala em religião natural, Rousseau tem em mente o importante adágio cristão do Novo Testamento, “ama ao próximo como a ti mesmo”, mais do que o princípio do Velho Testamento, “faça aos outros o que queres que te façam”, que o direito natural moderno costuma exprimir de outra forma, “não faça aos outros o que não queres que te façam”. De fato, não podemos obrigar o outro a se comportar conforme nossa expectativa, mas podemos dar ao outro um exemplo de amor e felicidade que mude a expectativa dele em relação a nós. Isso é o que qualifica o amor como um ato gratuito, o ato da Criação. Nada se quer em troca senão uma expectativa de reciprocidade espontânea, sem obrigação, sem força. É o que poderíamos chamar de o poder do amor.

Voltemos agora um pouco. Vamos tentar qualificar a violência como prática do ódio, como um sintoma de ausência, como uma forma de doença cuja cura é a reversão das condições que a propiciaram. É preciso rebelar-se contra todas as formas de violência e revertê-las em formas de amor.

No *Contrato social*, há uma passagem célebre de Rousseau em que ele parece antecipar a Revolução Francesa e de fato faz mais do que isso, fabrica um conceito, cria o conceito de “revolução” como uma reestruturação social violenta causada por conflitos internos:

A exemplo de algumas doenças que transtornam a cabeça dos homens, (...) há no decurso da vida dos Estados épocas violentas nas quais as revoluções ocasionam nos povos o que algumas

crises determinam nos indivíduos. (...) O Estado, abrasado por guerras civis, por assim dizer renasce das cinzas e retoma o vigor da juventude ao escapar dos braços da morte! (CS, II, 8, #3).

Para Rousseau, as guerras civis representam uma consequência preocupante da corrupção política e social que ocorre quando o Estado se torna tirânico, quando as pessoas abandonam seus interesses comuns por interesses privados a ponto de destruir toda coisa pública. As guerras civis surgem quando as pessoas se tornam divididas por interesses conflitantes, muitas vezes incentivados por desigualdades sociais e políticas, causas fundamentais das divisões internas que levam à guerra entre os membros de uma mesma comunidade política. Ele vê a busca egoísta pelo poder e pelos interesses individuais como um fator que abala a coesão social e alimenta rivalidades entre os cidadãos. Para prevenir guerras civis e violências internas, Rousseau defende a criação de instituições políticas justas e inclusivas que representem e protejam os interesses de todos os membros da sociedade. Ou seja, é preciso preocupar-se com o outro, dar atenção às necessidades do outro, ou em termos modernos, preservar o bem público sem olvidar o bem de todos.

As guerras civis ocorrem quando as relações sociais mútuas deixam de ser respeitadas e recíprocas, quando deixam de ser, por assim dizer, amorosas. O respeito que se deve a cada um pode ser visto como uma forma de amor que não exige imediatamente nada em troca, mas que, mediatamente, pressupõe no outro o mesmo tipo de atitude amorosa, caso contrário caímos na guerra hobbesiana de todos contra todos, na qual o que garante o respeito é a autoridade política. A ausência de um governo central ou autoridade soberana causa um cenário de guerra perpétua e caos, onde cada indivíduo busca seus próprios interesses particulares sem nenhum controle. Nesse estado, não há leis ou autoridades para impor o respeito mútuo ou resolver disputas, levando a uma situação de constante insegurança e conflito. O corpo político unificado, dotado de poder absoluto para impor a ordem e a segurança na sociedade, é constituído pela vontade de indivíduos que concordam em submeter-se a um governo com autoridade total para estabelecer leis e punir transgressões. Assim, na perspectiva hobbesia-

na, relações odiosas que excluem qualquer forma de amor implicam num governo violento e autoritário.

Estas preocupações éticas contudo estão em todas as culturas e tradições e se exprimem de formas diferentes. Afinal, como a sociedade humana poderia perdurar? Tomemos um pequeno exemplo oriental de tradição não cristã. Há uma obra simples utilizada no ensino dos ideogramas às crianças chinesas, *Clássico de Três Caracteres* (三字经 - *sān zì jīng*). São pequenas frases poéticas com três ideogramas. A primeira frase é: 人之初，性本善 (*rén zhī chū, xìng běn shàn*), que pode ser traduzida como: “No princípio da humanidade, a natureza é intrinsecamente boa”. É uma obra clássica da literatura chinesa que visa ensinar valores morais e éticos por meio de versos curtos e simples. A segunda frase é: 性相近，习相远 (*xìng xiāng jìn, xí xiāng yuǎn*), que pode ser traduzida como: “As naturezas são semelhantes; os hábitos é que as tornam diferentes”. É interessante como esses primeiros versos curtos transmitem ensinamentos profundos e nos lembram de Jean-Jacques Rousseau: o homem e a natureza são primariamente bons; as relações tornam os homens heterogêneos e orgulhosos; o amor e a humildade devem vencer a soberba nas relações e recuperar o bem intrínseco da natureza e da humanidade.

Para sustentarmos nossa hipótese segundo a qual precisamos de uma metafísica do amor para compreendermos o mundo e a nós mesmos, e salvar o mundo da dissolução capitalista neoliberal e nós mesmos dessa interiorização da miséria humana promovida por este sistema, recorrerei à última grande Filosofia que conhecemos. Hegel renovou os estudos sobre a metafísica para buscar as verdades mais profundas da realidade aparente e ultrapassar a aporia entre fenômeno e coisa em si. Tudo o que existe para ele corresponde à história do espírito rumo ao Absoluto. Por outro lado, Nietzsche se colocou tanto contra a dialética hegeliana quanto contra a analítica kantiana e defendia o niilismo total, a recusa de toda metafísica como expressão de arrogância humana perante a exorbitância de todo o universo, afirmava o *amor fati*, o amor aos fatos, a admissão de toda a realidade imediata e nada mais. Enquanto um dissolve a singularidade no Absoluto, o outro exalta a singularidade imediata no puro nada. Em termos teológicos simples, para um Deus é tudo e para outro Deus é

nada. Nesse contexto, Kierkegaard recuperou a preocupação socrática fundamental, conhece-te a ti mesmo, e inquiriu sobre a existência do puro Eu em relação aos fatos e ao absoluto. Assim, é preciso retomar a liberdade e a responsabilidade de cada um em relação à ansiedade e angústia causada pela existência. Para ele, o amor é uma escolha e um compromisso ativo e não apenas um sentimento passivo. O verdadeiro amor envolve sacrifício, renúncia e ação. Amar alguém é comprometer-se a ajudá-lo a se tornar a melhor versão de si mesmo. Logo, o amor se torna um modelo metafísico para a liberdade, a responsabilidade e para a Razão, uma referência interna e externa para a subjetividade. Ou seja, entre o Ser hegeliano e o Nada nietzscheano temos o Amor, uma referência de sentido para a existência. Do ponto de vista filosófico, entre o Absoluto e o Niilismo, o Amor resgata a singularidade, uma condição suficiente e satisfatória de incompletude.

Vivemos hoje um período doentamente narcisista em que o outro é reduzido a objeto-espectador com a liberdade de aplaudir e nada mais. Um jovem filósofo revolucionário de 68, Guy Débord, mostra como a lógica da indústria cultural e do consumismo induziram à sociedade do espetáculo e a uma espetacularização da vida no capitalismo avançado. O espetáculo enquanto tal alheia o público e o torna produto de consumo ao invés de participantes cidadãs na construção de suas próprias vidas, sobretudo quando cada um se oferece como espetáculo para os outros. Com o evento dos celulares e das redes sociais, essa tendência de isolamento narcisista se fortaleceu e debilitou ainda mais as relações de generosidade e solidariedade. Nestes tempos pós-modernos, tudo se flexibilizou e fragmentou, inclusive a questão do amor, muitas vezes confundida com a multiplicação dos gêneros favorecida pela exposição narcísica.

Muitos pensadores pós-modernos consideram que o amor é uma construção social moldada por narrativas culturais e contextos históricos específicos, enquanto outros enfatizam a natureza fluida, líquida e mutável das relações humanas. O amor agora é visto como uma experiência multifacetada, permeada por questões de poder, identidade e subjetividade. Creio que há aí uma confusão entre amor e prazer, especialmente os prazeres propiciados pelo uso do próprio corpo. Há aí uma biopolítica disciplinar que reflete o aspecto complexo e em constante transformação

das relações interpessoais na nossa era. Embora estas libertações sejam importantes para as pessoas, sobretudo aquelas que vêem isso como problema, o que observamos é contraditoriamente um aumento da intolerância, do discurso de ódio, das ofensas e ameaças propiciadas pelo anonimato digital, e das mentiras politicamente orientadas (*fake news*). O narcisismo e a espetacularização das relações produz o contrário do que promete, as pessoas se sentem diminuídas ao invés de estimadas. Alguns chegam a propalar a morte da verdade com o potencial abuso da combinação entre inteligência artificial e dos *big data* pelos algoritmos.

Ora, justamente. Tudo isso devido à fragmentação neoliberal e pós-moderna. Contudo, as pessoas permanecem pessoas, alguma coisa reúne a humanidade e não é obviamente apenas o capitalismo ou o “deus-mercado”, ou melhor, a metafísica do dólar que reúne para dividir, pelo menos desde o fim do acordo de Breton Woods em 1973 e com a globalização financeira neoliberal do capitalismo digital. É preciso resgatar uma metafísica homogênea de união, que mostre que a fragmentação não elimina o fato de as pessoas permanecerem pessoas enquanto tais, que vivemos todos juntos na mesma terra. Se continuarmos acentuando o narcisismo doentio das redes sociais digitais e a poluição e destrutividade irreversível do meio ambiente, a sobrevivência da humanidade e também do planeta está em risco. Precisamos, por isso, lembrar que somos uma única espécie num único sistema solar e que a união faz a força, mas a desunião enfraquece.

Essa é minha proposta: que a metafísica se funda no amor e no sentido da generosidade.

Referências

- BADIOU, A. *Éloge de l'amour*. Paris: Flammarion, 2009.
- BADIOU, A.; GROSRIECHARD, A. *et alii. De l'amour*. Paris: Flammarion, 1999.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- Bíblia – Tradução Ecumênica*. São Paulo, Loyola, 1994.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002.

BLONDEL, E. *L'amour*. [Apresentação e seleção de textos]. Paris: Flammarion, 1998.

LEMINSKI, P. *Jesus*. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Encanto radical).

MILAN, B. *O que é amor*. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos).

ROUSSEAU, J. J. *Contrato social*. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, J. J. Profissão de fé do vigário savoiano. *In*: ROUSSEAU, J. J. *Emílio*. São Paulo: Martins-Fontes, 1995.